

A PRUDÊNCIA EM ARISTÓTELES E A FORMAÇÃO ÉTICA

Caroline Bekmessian Pinheiro¹, Jorge Luis Rodriguez Gutiérrez²

1. UPM - Centro de Educação, Filosofia e Teologia (IC)* carolbek@yahoo.com.br

2. UPM - Centro de Educação, Filosofia e Teologia (Orientador)

Palavras Chave: *Aristóteles, formação ética, prudência*

Introdução

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles investiga sobre a Felicidade, procura em seu texto demonstrar o que é e quais meios constituem a sua realização, além dos elementos que contribuem para uma vida feliz.

Para o autor a Felicidade vincula-se à virtude e essa apresenta um elemento cognitivo representativo da excelência racional do homem voltada para fins práticos. O componente intelectual que compreende o reconhecimento e efetivação da boa ação identifica-se na prudência.

Deste modo, o artigo objetiva uma explanação do conceito de prudência e sua função na estrutura da ação virtuosa, tendo em vista a distinção entre sabedoria prática e teórica. Para com isso, propor uma reflexão sobre a formação ética nas escolas.

Resultados e Discussão

A partir da análise teórica da obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, interpretou-se o papel da prudência na estrutura da ação virtuosa, bem como a influência da distinção entre sabedoria prática e teórica estabelecida pelo autor, na formação ética. Propondo assim, uma discussão sobre o ensino de ética a partir do conceito de prudência.

Conclusões

A prudência na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles possui papel fundante ao ser a virtude intelectual, aquela que possibilita ao homem a plenitude de suas capacidades raciocinativas voltadas para ação.

A base intelectual da virtude é a prudência. A virtude moral corresponde ao aperfeiçoamento da parte desiderativa da alma que é irracional, mas participa da razão ao obedecê-la. A razão se expressa pela escolha.

Escolher e deliberar são faculdades racionais cujo ponto de partida é estabelecido pelo desejo, portanto, tanto deve ser reto o desejo como reta a deliberação e a escolha para que haja virtude. O desejo deve visar ao bem verdadeiro e a razão calcular e escolher os meios corretos à realização desse bem, a esse saber denomina-se prudência.

A prudência é a virtude da parte racional da alma voltada para fins práticos, à parte que possui o princípio da ação, que regula o lado irracional da alma. O desejo, no prudente, busca o que, pela razão, é corretamente formulado como verdadeiro. As virtudes morais e intelectuais, desse modo, estão intrinsecamente relacionadas. É o prudente o virtuoso na definição do termo.

O conhecimento do prudente não é teórico, mas antes deriva de sua própria vivência. A experiência desenvolve no prudente a racionalidade prática, a capacidade de apreensão dos variáveis e o reto cálculo para boa ação. A experiência não é mera repetição de particulares, mas a reflexão do agente a partir de suas ações. É pela prática

de boas ações que o homem regula o seu desejo, que passa a querer e a praticar aquilo que é bom, e é pela experiência que enxerga, nas situações vividas, os elementos comuns e que organiza assim, para si mesmo, o saber prudencial requerido para o correto raciocínio deliberativo, bem como a escolha acertada sobre o que se deve ou não fazer.

Para que se alargue a prudência no agente é necessário tempo e experiência e para que se regule a vontade, o exercício da prática. O conhecimento teórico ou filosófico é de pouca valia no âmbito prático. A prática está no contingente, naquilo que é indeterminado, podendo, ou não, ser passível de realização. O saber filosófico apreende as causas e dessas demonstra as conclusões, o que pressupõe necessidade, um conhecimento universal e eterno. Saber o que são as virtudes não faz de um agente virtuoso, a virtude é antes, uma prática.

O conhecimento teórico é o mais nobre para o autor, contudo só podemos alcançá-lo na medida em que somos homens, e enquanto homens nossa realidade é contingente, é a partir de nossas ações que determinamos o mundo e dessas determinações encontramos a estabilidade para contemplação. A contemplação é a máxima da atividade racional e a máxima da felicidade, mas na virtude a felicidade se faz humana e o prudente é assim, um homem feliz.

A distinção introduzida pelo autor das diferentes partes da alma, intelectual e prática, traz uma possibilidade de reflexão sobre a formação ética. Se a formação não se produz por completo através do ensino teórico e sim pela prática e experiência, faz-se necessário a presença de um agente orientador, um agente que por possuir a prudência seja capaz de direcionar os jovens à boa ação, desenvolvendo neles, através das variadas situações, o reconhecimento e desejo pelo bem, como de igual forma, o aperfeiçoamento de suas capacidades cognitivas.

Agradecimentos

Apoio: PIBIC Mackenzie